

REVISTA “A Violeta”. Ano 11, nº 149. Cuiabá, 30 de julho de 1927.

A VIOLETA

Orgam do Gremio Litterario Julia Lopes

PUBLICAÇÃO MENSAL

—:— DIRECTORA —:—

BERNARDINA RICH

ANNO XI

Cuiabá, 30 de Julho de 1927

Nº 149

CHRONICA

Quero introduzir no Brasil um milhão de emigrantes e construir dez mil Kilometros de linhas ferreas durante os meus quatro annos de administração.

Afonso Penna



EM mui a proposito das necessidades do nosso Estado e dos pensamentos que parecem preoccupar o Dr. Mario Corrêa, actual Presidente do Estado, essa promessa, aliás mui conceituosa, do grande estadista Afonso Penna ao assumir o cargo de primeiro chefe da Nação Brasileira.

E' que o grande estadista era tambem um patriota e comprehendia muito bem que essa grandeza territorial, essa flora exuberante, essas riquezas tantas e tão variadas, adormeceriam sem proveito si não fossem trabalhadas e si os obstaculos das distancias não fossem resolvidos por uma economica e pratica via de transporte, o que ainda só pode resolver a via ferrea.

E Matto Grosso, o Brazil em miniatura, estado que se estende soberbo em quasi toda a latitude do Brasil, apresentando climas

que se prestam a todas as culturas, desde o calor tropical dos sertões do Norte, abundantes em ipecacuanha e borracha, até a região temperada do sul, rica em herva-matte; do clima saudavel da Chapada onde o café prodigamente produz, até os pantanaes povoados de gado nedio e forte; Matto-Grosso, mais que qualquer outro Estado brasileiro, precisa de homens, precisa de estradas de ferro.

A proposito, acabo de ler uma carta particular em que um incançavel propagandista da necessidade da viação ferrea para o progresso do norte do nosso Estado e um dos mattogrossenses mais illustres dizia algo a respeito a estrada de ferro Norte de Matto-Grosso.

Diz o missivista que uma companhia rica havia comprado a concessão e que a mesma companhia estava disposta a construir a estrada, estudando os planos mais convenientes, esperando pol-a em

trafego cinco annos depois de iniciada.

A noticia não pode deixar de ser satisfatoria, embora os pessimistas tenham a certeza de não ser construida em nossos dias.

Cumpre que nós, porém, nós que mais nos devemos interessar pela construcção da estrada, sejamos os primeiros a querel-a.

E, antes de crearmos uma situação embaraçosa com debates improficuos, antes de cogitarmos de futeis questões politicas, que mais propriamente se denominariam questões pessoaes, deveriamos nos unir para uma propaganda do que realmente é o nosso Estado.

Temos na Camara do nosso Paiz lidimos representantes dos nossos direitos; temos na curul presidencial do Estado um espirito ainda moço, bastante energico e clarividente; temos enfim em embrião todo um futuro de progresso a nos sorrir.

Pensemos como o inesquecivel Affonso Penna.

Que a colonisação e a via ferrea sejam o despertar de Matto-Grosso! Ellas só, serão potentes para o desenvolvimento de todas as industrias.

Arinapi

A Duvida

Para «A Violeta»

Nesse recanto da alma ond'e afflora a nascente
do rio dos Olhos,
—rio de lagrimas que a face banha
quando a vida nos surge eriçada de abrolhos—
existe uma encantada, uma officina estranha,
dês que de homens brotou no mundo uma semente.

Nella um rei, cujos pulsos têm algemas
vive a editar as suas grandes leis :
leis supremas
regendo escravos e regendo reis

Quando no céu de bruma espessa
desmaia o constellado crivo,
e no oriente um clarão primeiro se entreborda,
e abre os olhos o sol, e ergue a cabeça
a cidade, que acorda
para o trabalho e para a civilisação,
já na sua officina elle moureja, activo,
o Coração.

Não pára o seu lidar insano,
 extraordinário :
 soberano-operario
 tem musculos reaes, de fibra que não cansa,
 que não ha de cansar por toda a eternidade.
 Extranho soberano!
 tem um sceptro de esperança
 mas carrega os grilhões da saudade.

* * *

Esolha-se pelo ar o enigma da calendula :
 bem-me quer... mal-me-quer... E o Coração.
 para cá,
 para lá,
 move-se como pendula
 de uma verdade amarga ao bem de uma illusão.

—Póde ser... (quem o diz ?)
 —Póde não ser... (quem sabe ?)
 E' o dilema, feliz ou infeliz,
 dentro do qual oscilla o orbe das existencias :
 numa ponta, entre sóes, um firmamento cabe,
 enquanto noutra um vacuo inspira reticencias.

Mas, de presto,
 um protesto
 irrompe de um queixume :
 —«Como viver assim, se assim morrer não quero ?
 Preferia parar, de tristesa ou de ciume,
 a bater, sem saber se espero ou desespero.
 Na duvida, em que aneio, o sangue, de onda em onda,
 já não pulsa, lateja... é a morte na hygidez...
 Sim ou não ? Sim ou não ?
 não ha quem me responda ?...»

E no proprio Coração,
 «Ha (soluça uma voz abafada): talvez...»

E esolha-se pelo ar o enigma da calendula :
 —bem-me-quer
 —mal-me-quer
 E o pobre Coração,
 para cá, para lá, move-se como pendula,
 de uma verdade amarga ao bem de uma illusão.

POBRE CARMEN

Tradução para A Violeta.

Trabalhando durante o dia em sua officina de vestir bonecas e sahindo á noite cheia de confusão e de vergonha, que em vão procurava occultar entre as dobras de seu remendado manto, a pedir uma esmola para sua pobre mãe agonisante, ¡ quantas noites voltou a sua casa tranzida de frio, morta de dôr, e sem outra esmola que o desprezo e insultos dos transeuntes; Pobre Carmen!

¡ E sua mãe morria! E morria privada das atenções que reclama uma enfermidade longa e dispendiosa; e na pharmacia não a auxiliavam; e em casa não havia outras entradas que os nove duros da pensão da viuvez de sua mãe e o mesquinho salário de uma menina de 15 annos, que então contava a preciosa Carmen.

A idéa do hospital... assustava á pobre menina. Haviam vivido em posição tão desafogada até a morte de seu pae!... ¿ Que fazer, Deus meu? Nas amigas e antigas relações da casa não devia pensar; todos se tinham ido retirando; e os parentes?...; Oh este era o tormento que precipitava a morte da mãe e o fêl que amargava a existencia da filha.

¡ Gonçalo, aquelle Gonçalo querido, arrimo de todas as esperanças daquellas desvalidas, longe de contribuir com seus sacrificios a aliviar a dôr personificada na agonia de sua mãe e na anémia cerebral que começava a reflectir-se nas pupillas de sua irmã, não parava em casa para não escutar «*estupidos lamentos de hypocritas,*» só ia para arrebatá á Carmen, espancando-a ás vezes brutalmente, o que a pobresinha reservava para as receitas da enferma, de cuja alcova fugia o desnaturado filho como de um ninho de serpentes. ¡ Oh que tormento tão terrível deve ser este para o coração de uma mãe na suprema angustia da morte!

¿ Onde está meu Gonçalo?

¿ Onde está meu Gonçalo? repetia sempre nos ardores do delirio e na calma e desmaios subsequentes.

E Gonçalo mergulhado na lama dos vicios, patrimonio da ociosidade, unida com a petulancia desses arlequins de jaqueta curta, chapéo cordovéz e calças da moda que vivem á custa de algum «*primo,*» não se lembrava de sua mãe, ou repellia sua recordação como um pesadello importuno.

Uma noite, ¡ que noite aquella, santo Deus! sahio Carmen como de costume, a pedir esmola para sua mãe agonizante.

Nem uma alma se via pelas ruas; o silencio era imponente, imponente o frio; e as estrellas do céu fuguravam com sinistras intermitencias produzidas pelo lento descer dos flocos de neve, que coalhavam nas arvores e iam cobrindo o solo com um tapete mysterioso.

Carmen assustada, nervosa, foi parar, sem dar por isso, na entrada de um dos theatros centraes da cidade, e encolhida entre a porta e uma das janellas, esperou... ¿ Quem havia de ir ao theatro aquella noite?

Os revendedores de cadeiras praguejavam, estarrecidos de frio; o encarregado do despacho resonava envolvido entre as dobras de sua capa gris com embuços de astrakan; ia levantar-se o pano e o theatro estava deserto.

De repente se ouviu um rumor longinquo que foi crescendo, crescendo até transformar-se em algazarra espantosa, de mistura com gritos e gargalhadas de tal jaez, que de longe se faziam ouvir.

Carmen estremeceu fortemente; ¿ Como implorar a caridade d'aquella gente? Por outra parte a lembrança de sua mãe a impellia ao ultimo sacrificio... E fechando quanto poudo os olhos, gritou ao primeiro que lhe pas-

sou roçando: «Uma esmola para minha mãe agonizante!»

—; Horror! gritou este, subindo de um salto a escadaria.

Carmen voltou a sua casa levando por toda esmola um resfriado terrível, duas lágrimas cristalizadas nas faces e um punhal no coração.

Ao penetrar na alcova de sua mãe, o confessor rezava o primeiro responso pela alma do cadaver.

Passaram annos e annos.

No hospital de sangue improvisado nos acampamentos de Sedan, onde tão mal paradas ficaram a petulância franceza e a soberbia dos Napoleões, acaba de penetrar, conduzido em uma maca, com uma bala na espadua esquerda e o craneo meio desfeito, um bravo capitão de infantaria, a quem corre a prestar os últimos auxilios a uma Irmã de Caridade.

—Arrependa-se de seus peccados, meu filho.

—Me arre...pendo; Jesus... Je...sus...

—Em tuas mãos, Senhor encomendo meu espirito.

O ferido não pôde responder. Havia cessado de existir, deixando cahir de sua dextra um papel que a Irmã se apressou a lêr em presença do cadaver.

Dizia assim: «*Te rogo por caridade, sejas quem fôr joh alma generosa! communiques quanto antes te seja possível, minha gloriosa morte a Carmen Gonçalves de Mendoza, operaria em uma fabrica de vestir bonecas, Dolores 59, Madrid, para que receba vinte e cinco mil francos que lhe pertencem, no Banco de França, e reze um Padre Nosso pela alma daquelle malvado, que negou-lhe uma esmola á entrada do theatro de Apollo, e que não merece o nome de irmão.*—Gonçalo.»

Carmen, que acabava de lêr o papel, cahiu desmaiada sobre o peito do morto.

Déa

Uma Carta

Querida Borboleta

—Muito saudosa envio-te esta, pedindo-te mil desculpas por não poder,

este mez, te *ajudar* nas tuas importantes Trepações, pois não quero, absolutamente, retirar-me deste lindo lugar, onde hei desfructado dias maravilhosos, magnificos...

Estou sentindo não estar aqui pois, apesar da minha incompetencia teria todo o gosto em te auxiliar um bocadinho; mas como fazer Trepações, tão longe do centro onde se colhem as observações para ellas? O centro principal o Alencastro está tão longe... e a bailes não mais pretendo ir, portanto, querida, deixo só para ti o doloroso mysterio de observar... Como és muito boazinha, sei que me perdoarás não estar aqui a teu lado, cumprindo o triste dever de reparar.

Estou ansiosa por novas da nossa terrinha, quando darás um vôo até aqui, para m'as trazer? Ficarei tão contente, si vieres... Vem o mais breve possível, sim? As novidades já devem ser muitas, ha tanto tempo que vim para cá!... Si a minha varinha tivesse o poder que possuem tuas lindas azas, a esta hora, ella me transportaria para aqui, pois desejo immenso conversar contigo. Que sensação deliciosa, ser conduzida insensivelmente, pelo infinito azul e doirado do sol, assistindo aos beijos do zephiro nos leques das palmeiras sussurrantes!... Assim é que eu quizera ser levada até aqui, numa tarde luminosa como esta, ir pelo espaço afóra ao sabor da mocidade, sem saber bem para onde...

E depois, ao chegar aqui, ainda meio estonteada pela embriaguez do passeio no ar, palestraria muito contigo e tornaria para cá.

Oh! havia de ser delicioso, mas é impossivel. Terá a pobre Fadinha o poder de fazer isto? Qual, só tu, minha cara Borboleta, podes vôar, vôar... Invejo-te; como deve ser bom, ir pelo infinito azul, cheio de luz, suavemente, batento as azas muito suavemente...

Toma cuidado com as tuas lindas azas transparentes, podem querer cortal-as... Eu, no outro dia, quasi fiquei sem a varinha mágica, a minha rica varinha de condão. Estava muito distrahida, e um senhor, por pouco, não m'a arrebatou!

Oh! si elle o conseguisse, a pobre Fada perderia o seu dom! Mas Deus

não quíz e a minha varinha continúa aqui, a meu lado, para nunca mais me ser arrebatada.

Tu, que és a melhor *observadora* que conheço, não deixas te cortarem as azas, o que te privará de vôar pelo espaço luminoso e vêr aquillo que queres... Faze o que te digo.

Si não estiveres fatigada de tanto voar pelo infinito azul, cheio de luz, vem visitar-me. Deixa um poucao a cidade e vem apreciar os lindos campos cõr de esmeralda, as arvores frondosas e o encanto que existe em tudo aqui. Si te fôr, porém, impossível, pois deves andar atarefada com as tuas notaveis Trepações, ao menos, escreva-me.

E não te esqueças da tua

Fada.

—*Em Julho de 1927.*—

A felicidade inesperada

A tarde caía lentamente...

Na torre estreita de pobre templo-sinho o sino badalava a «Ave, Maria»!...

A natureza toda estava silenciosa!

Naquele humilde casebre, reinava a mais profunda tristeza: num pobre catre, jazia prostrada uma mulher enferma; seria talvez moça, aquella pobre senhora, mas, o seu rosto estava desfigurado pela doença.

Ao seu lado, estavam: uma velha, que parecia ser sua mãe, e sua filha, uma interessante pequena de 5 anos, mais ou menos.

A infeliz mulher, sentindo que lhe restavam poucos minutos de vida chamou a sua filhinha, e depois de fita-la demoradamente, falou-lhe: «Filha, no dia em que vieste ao mundo, o teu pai partiu para muito longe, a procura de fortuna, pois, êle queria que a sua filha fosse rica, muito rica.

Se algum dia êle voltar, tu dirás que eu já não existo.

Has de prometer-me tambem, querida Elza, que cuidarás da tua vóvó»...

Ia continuar, mas, a Morte, a terrivel ceifadora não lhe permitiu.

Com os olhos razos de lagrimas, ela olhou ternamente áqueles dois en-

tes que ella tanto amava, e... morreu.

Passaram-se menses...

Certa manhã invernosa, caminhavam as duas, avó e neta, em direcção a igrejinha do povoado, onde iam implorar á caridade pública; lá chegando sentaram-se num dos toscos degraus do templo, e anciosas esperavam a saída dos fieis, que nesse dia eram em numero mui resumido.

O primeiro que saíu, foi um homem já edoso, que mostrava apparencia de um gran te sofredor; trajava-se de luto, e o seu olhar, tinha uma expressão dolorosa.

Quando êle aproximou-se das mendigas, a pequenita estendeu-lhe a mãozinha suplice, e com a sua debil voz, que mais parecia um soluço, entouo aquelle estribilho já tão conhecido: «Uma esmola, pelo amor de Deus!...

O homem voltou-se, depois de lhe dar uma moeda, fitou-a demoradamente; e dirigindo-se á velha, perguntou: «Quem sois? Quem é esta linda pequena?»

O seu coração batia apressadamente, e ancioso esperava a resposta.

—«Eu sou uma pobre velha, e o anjinho que aí vedes, é a minha neta, o meu consolo nesta vida...»

—«E ella não tem pai? mãe?»

—«A mamã morreu no ano passado, disse a pequena, e o papá... ha muitos anos que partiu em busca de fortuna.»

O velho tremulo, apertou a menina nos seus braços, e disse-lhe: «Não ha mais duvida, és a querida filha que ha muito tempo procuro... Como sou feliz!»

Ao pronunciar estas palavras, a sua fronte enrugou-se.

«Se a tua mãe estivesse viva, a nossa querida Maria!...»

Pai e filha assim abraçados, choraram por muito tempo.

O pai beijava-a nas faces pálidas, e ella, com os olhos brilhantes de felicidade, murmurava: «Papá! Meu querido e bom papá...»

Zizi.

Saudades do meu antigo lar.

Lembro-me bem do casarão annoso,
No qual passei minha infancia querida...
Do spleen deste vão viver sem vida,
Sem sentir-lhe o contacto maldoso;

Mas, a ambição de subir de vez o mundo,
Fez-me ingrata, perjura, lar querido...
Deixei-te como se deixa a um desvalido
Cofre de pobre—velho demais, sem fundo!

E' justa tua *vendetta*—o astro da noite
Que outr'ora olhava de tuas janellas,
Ralha-me sempre, e vibra-me um açoite:

A saudade de teus vastos recantos.
Onde ás sestras, eu via estrellas bellas
No céu daquelle meu viver de encantos!

Corumbá—20—2—927

Irma Plawasky

A Mulher no lar

A mulher no lar, deve ser a alma de toda a sua casa. E' dentro della, que, melhor do que em outra qualquer parte, a mulher se sente rainha e senhora. E' dentro do seu lar que ella pode expandir todos os thesouros de afeição que deve conter um coração feminino. Mas o principal papel da mulher não é somente ser a *ménagère* que põe tudo em ordem, que vigia as criadas, se as tem; que se occupa do bem estar material dos que a rodeiam; o que mais interessante torna a mulher é o seu espirito. O homem moderno não se satisfaz de encontrar a casa em ordem, quer encontrar tambem quem o compreenda, quem lhe adoce com uma conversa interessante as horas que passa em casa, descansando do terrível *struggle for life* que é a vida de hoje.

A primeira qualidade de uma mulher deve ser a alegria. Numa casa onde a mulher é alegre todos têm um aspecto feliz, as crianças riem, os maridos sentem-se bem, todos respiram bem-estar nessa atmosphera que irradia de uma mulher alegre e bem disposta. E' preciso que a mulher, a par dessa alegria, tenha uma grande coragem para affrontar as vicissitudes da vida. Se ha uma doença, não desanimar, e desempenhar com toda a energia esse doce papel de enfermeira, em que todas as suas qualidades se desenvolvem.

Se acontece um desastre a uma criança, não desmaiar estupidamente no momento em que a sua acção mais necessaria se torna, mas dominar os nervos, servir-se precisamente delles, para, energicamente acudir ao seu filho em perigo. Nas horas alegres da vida, a mulher deve, mais do que ninguém, espalhar no lar a satisfação, e, nas horas amargas, porque todas as passam, umas por um motivo, outras por outro. Deve ainda esconder as angustias para animar o marido e para esconder ás crianças as tristezas da vida, que sempre cedo ellas conhecerão.

Se a mulher tivesse o completo conhecimento da responsabilidade que assume ao fundar um lar, não o fa-

ria com a levianidade com que actualmente o faz.

A mulher, dentro de casa, tem de ter qualidades de energia e de doçura, como as deve ter um chefe de um exercito em tempo de guerra. Tem de ter a finura de um diplomata e tem, enfim, de ter uma alma cheia de ternura, que a faça comprehender e perdoar os actos daquelles que dentro de casa estão debaixo das suas ordens.

Não ha peor costume do que aquelle que muitas senhoras tem, de, ao chegar a casa o marido, cansado e aborrecido de todo um dia de trabalho, lhe contar o que fizeram as criadas e de lhe fazer queixas dos filhos, para serem por elle castigados, tornando-o um carrasco, que as crianças temem porque no pouco tempo que está em casa os castiga e lhes ralha.

As difficuldades do menage ella deve resolver sosinha, e os filhos, deve saber castigar-os no momento em que precisarem, para os habituar a ver nella a senhora da casa, aquella que dispensa todos os carinhos, mas que sabe punir se isso é preciso. Só assim uma mulher saberá impor-se ao respeito do marido, que encontrará nella a verdadeira companheira, que tomou sobre seus delicados hombros o encargo de o auxiliar na vida e de o ajudar em tudo.

Mas para que esse lar seja completamente agradável, ella deve embellezalo dando, quanto as suas posses lh'o permittirem, e tornando o mais artistica possível a habitação da familia. Se não pode ter reposteiros de velludo e moveis maple, terá reposteiros em linho bordados pelas suas mãos de fada, ou guarneccidos com barras de cretone e, em vez de maples terá simples divans, que ornará com almofadas sahidas das suas mãos, que, com suas cores garridas alegrarão a casa.

Não é o luxo que dá o aspecto do conforto; muitas vezes faz mais a graça de uma mulher do que o dinheiro. Se na sua mesa não pode ter porcelanas inglezas e christais de Baccarat, um alegre serviço da Vista Alegre e uns copos da Marinha Grande, algumas flores frescas e muita ordem na disposição, tornarão essa mesa tão deliciosa como uma mesa lu-

xuosa e fará com que as conversas decorram numa disposição de espirito muito agradável, porque as coisas exteriores, mesmo sem querermos, influem no nosso espirito.

Uma mulher tem sempre obrigação de estar em casa cuidadosamente vestida e penteada e não embonecar-se só para ir para a rua.

A mulher no lar é a soberana, e uma rainha não pode ser mal arranjada e desgrenhada. A mulher no lar tem de ser a fada protectora, tem de ser a belleza, a graça a illusão mesmo, porque de illusões vive o homem e nada o desgosta mais do que as realidades da vida. Pensem bem as jovens que em breve vão fundar um lar e compenetrem-se de que casar não é divertir-se, arranjar quem lhe compre vestidos e acompanhe a divertimentos. Casar é fundar um lar, criar uma soberania e todos sabem os duros espinhos que traz o reinar, e uma mulher que o saiba ser, tem de os aceitar com o sorriso nos labios.

(Da Revista Feminina)

TEUS OLHOS

Como um sol que doira de luz o horizonte mirifico, na harmonia e no fulgor das manhãs de Maio; como a luz de um sol que espanejando a terra exhausta vai descobrir no seu amago o diamante esquecido, assim foram teus olhos...

Elles vieram da simplicidade da tua alma e da bondade do teu coração, refulgindo como uma luz celeste na solidão da minha vida; como uma estrella divina, rebrilhando magicamente no sublime silencio das noites de verão.

Quantas vezes, após o temporal que devastou energias vitais da natureza, e tingiu de negro a côr do céu, espargindo o horror por toda a humana vida, surge nas dobras no infinito, como um sorriso de amor, a luz de um sol que vibra, que refulge, que domina e que abraça num abraço a-

migo tu lo que vive e que palpita em seu reator...

Assim foram teus olhos... Vieste com a tua alma simples, trazendo-os como um poema de consolação para as dores da minha vida; como um balsamo celeste que alivia e consola, enchendo de puro affecto, a aridez que de ha muito, móra em meu coração.

Quando a incerteza paira em mim; quando a duvida levanta-se em meu espirito, não preciso fallar-te; basta que eu veja os meus olhos cançados na luz divina do teu olhar. A incerteza foge, a duvida fenece, e a esperança surge com a ventura que eu gozo e que não sei explicar...

Não querem que nos fallemos, disseste. Que importa? Se na mudez serena do teu olhar vem gravada a candura da tua alma, fallando-me de tudo que eu quero...

Por isso, eu amo os teus olhos; adoro-os como o maior thesouro que penso possuir na vida.

Elles, ora tristes, languidos, expressivos; ora vivos e penetrantes, fulgindo a scintilha de um amor que não morre, são tambem as vezes a expressão suave do perdão que consola e da esperança que anima...

E com elles na minha frente, a devastar as trevas do caminho, eu seguirei pela vida, cantando venturosamente o hymno de amor que me inspiraram.

Cy -24-6-24.

J. Mario

(Do Gremio Castro Alves)



A' Crayon

De porte gentil e *mignon*, tão clara e delicada, evoca uma castellã medieval, por quem os cavalleiros, epicos e mysticos se batessem. Em seus olhos, dois brilhantes negros que tremeluzem illuminando-lhe o arminho da cutis, erra, dir-se-ia, um scismar longinquo, ou paíra uma illusão amortecida...

Filha deste solo, o Velho Mundo visitou, onde enriqueceu o intellecto e se aperfeioou na lingua em que Victor Hugo colheu e espargiu as sonoridades do seu estro.

Vendo-a passar, indifferente e ensimesmada, tem-se a illusão de ver destacar-se de uma tela de Raphael uma das mais suaves e ethereas de suas *virgens*.

O seu todo, infantil e gracioso, fala menos aos sentidos do que á alma: um athleta poderia ser tentado a acaricia-la com a ternura que se dispensa a uma creança; um poeta, abysmado na contemplação sentimental da vida, adivinhando no proprio scepticismo o sentido doloroso do poema dos seres, faria da nossa perfilada uma estrophe scismadora e melancholica desse poema, e retiraria desta uma rima para eco das vozes mais intimas do seu proprio eu.

Desenhista

Alfinetadas

Attendendo a um insistente pedido da Directora da Violeta, encarreguei-me de fazer a reportagem do baile de 18 do corrente, em homenagem ao Dr. Armando de Souza.

A's 9 horas, dirigi-me ao Parisien, onde realizou-se o baile.

O salão ricamente ornamentado e illuminado, estava já repleto das mais distinctas familias, bellas senhorinhas e elegantes rapazes da nossa sociedade.

Depois de cumprimentar o anniversariante, sentei-me com algumas amiguinhas, e notei então:

A. C. muito mimosa no seu vestido rosa claro, parecia sentir saudades do J. S.

M. de C. com o seu sorriso encantador prendia as atenções de um jovem recém chegado.

Y. A. apesar de ser sempre alegre, estava triste com a ausencia do N. M.

V. C. ouvia sorridente as declarações que lhe fazia o elegante W. C.

S. C. que sabemos gostar de festas, não tem comparecido a ellas. Porque será?

Dr. V. N. desejando fazer par constante com a seductora C. M.

O joven J. do V. não compareceu ao baile, deixando por isso muito tristonha a V. P.

Não sei porque a R. A. C. estava tão triste. Seria algum arrufo?

Dr. J. de V. muito orgulhoso quando dansava com a elegante S. de F.

E. C. ouvindo muito attenta o que lhe dizia o J. B. Seria alguma declaração?

A. D. muito satisfeita por ter feito as pazes com a sympathica N. C. Parabens!

E apesar de ter voado muito, foi só o que pude vêr.

Beija-Flôr

Noticiario

Mariopolis

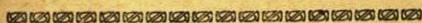
A 14 do corrente, no planalto da Chapada, proximo á Colonia Cajurú, foi effectuado solememente o lançamento da pedra fundamental da nova cidade, a que o povo, na sua justa gratidão ao benemerito patricio a quem deve aquella feliz iniciativa, cognominou acertadamente -- Mariopolis.

Empolgante e auspiciosa foi aquella solemnidade, e em cada coração matogrossense allí profundamente emocionado, ella foi uma clarinada de es-

peranças para este pedaço brasileiro, destinado a um futuro de progressos e de glórias.

Bem haja a fundação da cidade serana, cuja realisação foi para nós uma semente benéfica, de que nos advirão os mais proveitosos fructos.

Bem haja o inclito patricio, a quem o povo mattogrossense saberá, com justiça, addicionar mais esse importante serviço aos muitos que já lhe está a dever.



Os que chegam

Está em nosso meio desde alguns dias o Dr. Fenelon Müller acompanhando de sua digna consorte, nossa querida amiga e consocia D. Alzita de M. Müller.

E' com a mais intima satisfação que visitamos o distincto casal.

..

Regressou a esta capital depois de alguns mezes de ausencia a nossa gentilissima consocia D. Dulce M. Corrêa.

As inumeras visitas que tem recebido são eloquentes attestados das elevadas sympathias que, pela sua bondade, tem conquistado em nossa sociedade.

Esta redacção, prazenteira pelo regresso da distincta amiga, apresenta-lhe satisfeita a sua visita.

..

Acompanhado de sua exma. esposa, está novamente entre nós o Sr. Gabriel F. de Mattos.

As muitas visitas que tem recebido juntamos com prazer a nossa

..

Depois de alguns annos de ausencia visitou a nossa capital o distincto e estimado conterraneo Sr. Joaquim A. de Siqueira, Delegado Fiscal de Porto Alegre.

A sua permanencia em nosso meio foi excessivamente pequena, porem as demonstrações de carinho que recebeu dos seus conterraneos, provaram-lhe á evidencia, o apreço que goza em sua terra, que ufana-se do filho que

tanto tem sabido elevar o nome mattogrossense.

Agradecendo as despedidas que apresentou-nos, desejamos ao distincto patricio, e a sua bonlosa esposa e gentilissima filha, muito feliz viagem e o prazer de vel-os novamente entre nós.

..

De Caceres onde exerce com profficiencia o magisterio, chegou a nossa saudosa e estimada amiga D. Emilia Bodstein Bivar, acompanhada de seu digno esposo Sr. Sixto Bivar.

Foi para nós motivo de justa alegria a vinda da inesquecivel companheira, e esta redacção, muito satisfeita, apresenta ao digno casal a sua carinhosa visita

..

Regressou a esta capital a nossa gentil amiguinha Sta. Carmosina Botelho, acompanhada de seu extremoso tio Sr. Anco P. Botelho.

Visitamol-os

..

Em visita a sua terra natal está nesta cidade, procedente de Baurú o nosso constante assignante e bom amigo Sr. Romulo Gomes do Prado.

Visitamol-o, desejando-lhe agradavel permanencia entre nós.

..

Procedente de Corumbá, chegou a esta capital, acompanhado de sua exma familia o Sr. Hysson Campos, alto funcionario do Banco do Brazil.

Esta redacção apresenta-lhe o seu cartão de visita,

Os que partem

Para Campo Grande seguiu com a Iguatemy a nossa presada amiga D. Adelia Gamarra, acompanhada de seus interessantes filhinhos.

Agradecendo as despedidas, desejamos á boa amiga muitas felicidades naquella futura localidade, onde pretende, com seu esposo, domiciliar-se por algum tempo.

Sociaes

Anniversarios de Julho

A 1º — A pequenina Elza, neta do Dezebargador Carvalho.

A 4—O Sr. Oscar Addor e o menino Osdul, filho do Dr. Oscarino Ramos.

A 5— O Senador Pedro Celestino e a Sta. Haydée P. de Arruda.

A 6—A Sta. Dietinha Marcondes.

A 7—O Corel. Francisco Pinto de Oliveira, e o Sr. Manoel Bodstein

A 8—O Dr. Joaquim Novaes e a Professora Sta. Adiles Ramos da Silva.

A 9— D. Percilia Ferreira, D. Celina Ponce Devulsky e o Dr. Alinór de Lima Bastos.

A 10—O Dr. Carlos Borralho e o Sr. João Alfredo de Oliveira.

A 11—O Dr. Manoel Paes de Oliveira e a Professora Sta. Nadir Neves.

A 12—O Dezebargador João Carlos Pereira Leite e a Sta. Elza de Figueiredo.

A 14—A professora Sta. Nhara Pimenta, o professor Joaquim Marques e sua filha Sta Esther Marques.

A 15—A Sta. Dunga Rodrigues.

A 16—D.D. Benedicta Ribeiro de Barros, Nelcia de Carvalho e professora D. Maria do Camargo Oliveira.

A 17—O Cel. Madoel Leopoldino do Nascimento.

A 18—O Dr. Armando de Souza e o Capm. Frederico Augusto Rondon.

A 19 — O Snr. Eurico Palma e a menina Déa Barbieri.

A 21—O Professor Fernando Leite de Campos e o menino Athayde, filho do Snr. Athayde de Mattos.

A 22 -D. Odilza Ramos Pessionni e o jovem Aretino de Mattos.

A 23—A professora Sta. Sophia Benenice da Silva, o Major Carlos de Mattos, a Sta. Lia de Mello e o Dr. Benedicto Leite de Campos.

A 24 —A Sta. Oliva C. de Oliveira.

A 25—D. Etelvina de Mendonça, a professora Sta. Alzira Valladares e o Sr. Fioravante Barbieri.

A 26 -O Sr. Leonel Hugueneu.

A 27—D. Anna Virginia de Carvalho, a Sta. Herminia Leite e o menino Rubens de Mendonça.

A 31—D. Colimeria Moura.

A todos «A Violeta» apresenta selectos cumprimentos.

Fallecimento

Transmitiu-nos o telegrapho a triste noticia de haver fallecido em Campo Grande, victima de um desastre de automovel, o Dr. Oscar Lima, que aqui residiu por alguns annos.

Medico humanitario, a sua acção bemfazeja se estendia especialmente ás classes pobres, e o seu desaparecimento contristou profundamente toda a sociedade cuiabana, onde soube conquistar innumeradas amizades.

Esta redacção curva-se reverente ante o tumulo do inesquecivel morto e envia pesames a sua exma. familia.

Caixa d'A Violeta

Borboleta—Não podes voar? Cortaram-te as azas? Não creio, talvez um pouquinho de frio, não? Esperamos-te anciosas a trazer-nos interessantes noticias.

D. Martha—Será o frio o causador do seu silencio? Esperamos para breve uma correspondencia, certas de que não nos negará.

Ceci—Então? Para o proximo numero podemos esperar alguma cousa? Contamos certas com a tua gentil aquiescencia.

